

## **DO PRAZER AO SOFRIMENTO NO TRABALHO: O DISCURSO DAS TRABALHADORAS RURAIS ENSACADEIRAS**

**MARIA DOS SANTOS PEREIRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

**ADRIANA VENTOLA MARRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

**DÉBORA DIAS RESENDE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

**SAMARA DE MENEZES LARA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

Agradecimento à orgão de fomento:

Ao CNPq e a CAPES pela concessão da bolsa de pesquisa.

## **DO PRAZER AO SOFRIMENTO NO TRABALHO: O DISCURSO DAS TRABALHADORAS RURAIS ENSACADEIRAS**

### **1. INTRODUÇÃO**

O objetivo deste estudo foi identificar e analisar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de trabalhadoras rurais que atuam em granjas de frango de uma empresa da cidade de Pará de Minas/MG, a qual atua na produção avícola a mais de quarenta anos. Para atingir tal objetivo buscou-se analisar a trajetória profissional destas trabalhadoras e a organização do trabalho nas granjas de frango, enfatizando os fatores responsáveis pelo sofrimento e pelo prazer no trabalho, assim como os sentimentos e as percepções destas trabalhadoras.

O trabalho, em sua prática, pode proporcionar ao indivíduo distintas experiências, podendo este, ser desde uma fonte de subsistência e sobrevivência, bem como um ambiente onde poderá vivenciar e trocar experiências com boas relações através de alegrias, satisfações e reconhecimentos, e também tristezas, falta de reconhecimento, angústia e insatisfação. Ou seja, o mesmo ambiente pode ser para o indivíduo tanto uma fonte de prazer quanto de sofrimento (DEJOURS, 1992, 2004, 2012; MORIN, 2001; ANTUNES, 2005; HELOANI; LANCMAN, 2004; MENDES, 2007). A presença conjunta de prazer e sofrimento é oriunda da dinâmica interna das situações e da organização do trabalho, sendo estudada pela Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011).

De uma maneira particular, tratando-se dos trabalhadores rurais que atuam em granjas de frango, Campos (2016) relata que, em tal atividade, o abate e a industrialização de aves são atividades que muito adoecem os trabalhadores no Brasil. Além do mais, em consonância com este autor, Araújo e Ribeiro (2014) destacam que, distintas partes da cadeia de produção avícola acabam por expor os trabalhadores a condições precárias de trabalho e renda. De maneira específica, podemos acrescentar que as mulheres são particularmente afetadas, pois, segundo Graf (2009), compõem uma parcela expressiva da força de trabalho neste setor.

O presente estudo apresenta uma relevância tanto acadêmica quanto social uma vez que, poucos são os estudos encontrados no que tange ao trabalho rural e às vivências subjetivas dos trabalhadores e, ampla é a força de trabalho feminina empregada nas atividades realizadas em granjas de frango (GRAF, 2009; SCHLINDWEIN, 2010). Ao destacar a realidade do trabalho destas mulheres, a qual muitas vezes é despercebida, pode-se acarretar em contribuições significativas para melhoria das condições de trabalho das trabalhadoras rurais com o desenvolvimento de melhores políticas e práticas de gestão nas organizações que empregam esta força de trabalho.

Em busca de alcançar os objetivos traçados, a pesquisa foi realizada com dezesseis mulheres que exercem o trabalho de ensacadeiras. Ensacadeiras são profissionais que recolhem a cama de frango (material distribuído ao longo do aviário, para evitar que as aves entrem em contato com o piso, envolvido pelos excrementos e penas destas como partículas de rações que as alimentam) que permanece no solo dos galpões após a apanha dos frangos para serem colocados nos caminhões de transporte para os abatedouros. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e o método de análise de discurso foi empregado para a análise das entrevistas.

O presente estudo se encontra estruturado em cinco seções, sendo a primeira a se tratar desta introdução. A segunda seção refere-se ao referencial teórico, buscando trazer conceituações acerca da psicodinâmica do trabalho, prazer e sofrimento no trabalho e especificamente do trabalho rural. A terceira se remete aos percursos metodológicos seguidos. Em seguida a análise e discussão dos dados, pautados na análise do discurso das entrevistadas. Por fim, são traçadas as considerações finais do estudo e sugestões para trabalhos futuros.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Psicodinâmica do Trabalho: um olhar sobre o prazer e sofrimento

Os estudos acerca da relação entre trabalho e saúde se desencadearam no início do século XX com a introdução do sistema Taylorista que, com práticas de trabalho aceleradas e longas jornadas, contribuiu para a geração de consequências à saúde mental e do corpo do trabalhador (DEJOURS, 1992; MENDES, 1995). A partir de tais estudos surgiu a psicodinâmica do trabalho.

A psicodinâmica do trabalho é uma abordagem clínica interdisciplinar sobre o trabalho baseada no entendimento deste a partir da relação entre subjetividade, trabalho e ação (DEJOURS, 2004; 2012; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011). Esta, através de análises de dinâmicas pertinentes a contextos específicos de trabalho, busca verificar como determinadas forças visíveis e invisíveis, objetivas, subjetivas e psíquicas, sociais, políticas e econômicas atuam no ambiente de trabalho para que o mesmo possa ser ou não um ambiente de saúde e/ou patologias (MENDES, 2007; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011).

Em todos os tipos de trabalho, há uma lacuna entre o trabalho prescrito – a tarefa descrita – e trabalho real – a atividade. Tal lacuna é o trabalho em si, no qual, quanto maior a diferença entre prescrito e real, maior o sofrimento do trabalhador (DEJOURS, 2008). Assim, o trabalho, para Dejours (2004, p.29), “é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar”. Sendo, então, o trabalho, a atividade manifestada pelos indivíduos para realizar o que não estava prescrito (DEJOURS, 2004; 2012; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011).

A implementação real é fruto do fato de que, no dia a dia do trabalho, existem uma série de incidentes, anomalias, avarias que obstruem e prejudicam o trabalho prescrito. Assim, o real aparece para os sujeitos sob a forma de revés, podendo ser uma vivência desagradável e dolorosa, percebido como um sofrimento. O sofrimento exige do trabalhador uma forma de superação. Portanto, para superar, o trabalhador mobiliza sua subjetividade para sentir prazer e perceber sentido no seu trabalho (DEJOURS, 1992, 2004, 2012; MENDES, 2007).

A mobilização subjetiva pode ser entendida como o processo pelo qual o sujeito se engaja no trabalho e utiliza sua inteligência para resolver os problemas do que não estavam no prescrito, contribuindo para a organização real do trabalho. A mobilização subjetiva supõe, então, os esforços de inteligência, os esforços de elaboração para a construção de opiniões sobre a melhor maneira de superar as contradições do prescrito, e os esforços para discutir e cooperar. É por meio da inteligência e da cooperação, que o trabalhador irá se deparar com o prazer, que poderá proporcionar a ressignificação do sofrimento, levando-o a encontrar certa estabilidade sociopsíquica, expressando sua subjetividade de maneira mais autêntica. (DEJOURS, 2008; MENDES, 2007)

Pela mobilização subjetiva, o trabalhador busca que seu desempenho seja reconhecido e seus esforços despendidos para a realização do trabalho valorizados (DEJOURS, 2008; 2012; MENDES, 2007). O reconhecimento acontece em duas dimensões: da constatação e da gratidão. A primeira, a da constatação, acontece no sentido do “reconhecimento da realidade que representa a contribuição individual, específica à organização do trabalho” (DEJOURS, 2008, p.73). E a dimensão da gratidão refere-se ao reconhecimento da contribuição dos trabalhadores à organização do trabalho (DEJOURS, 2008).

Neste sentido, a vivência do prazer se dá quando o sujeito compreende que o trabalho desenvolvido por ele é significativo e relevante, tanto na esfera profissional quanto na esfera social. Ou seja, o trabalho realizado é reconhecido e gerador de *status* social, e o desempenho

do trabalhador é visto como um destaque positivo (DEJOURS, 1992, 2004, 2012; MENDES, 2007; ANJOS; MENDES, 2015).

Quando o reconhecimento não acontece, têm-se as vivências de sofrimento. O não reconhecimento ocasiona sentimentos de cansaço, esgotamento mental e físico, tensão, agressividade, entre outros. Tais sentimentos possibilitam o desconforto e as frustrações, além de paralisarem o ânimo, eliminando qualquer atitude positiva com relação à organização do trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011). Dejours (1992, 2004) afirma que o sofrimento é inevitável em qualquer tipo de trabalho e que o mesmo se dá a partir do momento que o trabalhador teme não conseguir satisfazer às exigências da organização do trabalho, como: de horário, de ritmo, de formação, de informação, de aprendizagem, de nível de instrução e capacitação, de experiência e de rapidez de aquisição de conhecimentos teóricos e práticos.

## **2.2 O trabalho rural**

Direcionando as experiências de prazer e sofrimento à realidade dos trabalhadores rurais, é possível constatar que o trabalho rural, especificamente, possui fatores que colaboram para a existência de uma carga de trabalho. A carga de trabalho pode vir a atingir o trabalhador tanto de forma física, relacionado a dores, desconfortos, lesões e desgastes, como de maneira psíquica, ligada à insatisfação e às aspirações do trabalhador, causando neste, possíveis alterações no desempenho de sua atividade e, conseqüentemente, ferindo a sua saúde (ROCHA et al.,2015).

Os trabalhadores rurais são uma categoria profissional que vive exposta a um ambiente estressante e perigoso, no qual estes convivem com altos níveis de ansiedade, depressão, alcoolismo e até suicídio (GIONGO; MONTEIRO; SOBROSA, 2017). Contudo, por mais que essa classe apresente determinadas condições, as quais podem ser percebidas como precárias, poucos são os estudos relacionados a ela (SCHLINDWEIN, 2010).

Particularmente, na classe de trabalhadores rurais, destacamos os trabalhadores de granjas de frango, os quais estão entre os que mais adoecem por consequência do trabalho no Brasil (CAMPOS, 2016). Distintas partes da cadeia de produção avícola acabam por expor os trabalhadores a condições precárias de trabalho e renda (ARAÚJO; RIBEIRO, 2014). Além do mais, de acordo com Guimarães e Lima (2015), em uma pesquisa realizada em duas granjas em Brasília/DF, as condições de trabalho e a natureza das tarefas são precárias, sendo as atividades que mais exigem esforço físico dos trabalhadores o abastecimento manual dos comedouros, a lavagem dos bebedouros e o abastecimento de aquecedores com lenha.

Em uma busca na base de dados do Spell e do Scielo, realizada em de março de 2019, com o cruzamento entre si, das palavras-chave “prazer”, “sofrimento”, “trabalho rural”, “trabalho avícola” e “mulheres”, não foram encontrados muitos estudos que fizesse referência ao prazer e sofrimento de mulheres trabalhadoras em granjas de frango especificamente. Entretanto, destaca-se um estudo recente com trabalhadores na suinocultura, pela similaridade das tarefas, em que Giongo, Monteiro e Sobrosa (2017) relatam que, enquanto o prazer no trabalho estava associado à manutenção da tradição familiar e ao cuidado dos animais, o sofrimento por sua vez, encontrava-se vinculado à sobrecarga de trabalho e ao desgaste consequente. Outro estudo também encontrado, pela similaridade dos participantes, fora o de Borges, Enoque e Borges (2017) no qual foram analisadas as estratégias defensivas mobilizadas por mulheres que atuavam na produção canavieira.

No que tange a questão de gênero, Brumer (2004) relata que as mulheres, no meio rural, acabam por desempenhar atividades como limpeza, colheita e processamento de produtos agrícola e animais, como também para o próprio consumo e de seus familiares. Estas também se veem atreladas a conciliar sua vida profissional com a pessoal onde, devido até

mesmo a baixa escolaridade, acabam por desempenhar trabalhos penosos, monótonos e mal remunerados, causando-lhes não apenas alguma insatisfação como também problemas físicos.

Tal situação é confirmada na pesquisa de Borges, Enoque e Borges (2017). Os autores, ao realizarem pesquisa com mulheres bituqueiras (limpeza dos restos de cana que ficam no solo) do agronegócio canavieiro, afirmam que o trabalho delas é permeado pelo medo da demissão; pela ansiedade frente aos riscos da atividade; pela angústia e raiva ao se defrontarem com as desigualdades de gênero; pela valorização do prazer do consumo; e, pela busca de sentido para a sua existência. Tais mulheres também enfrentam a estigmatização e o “nojo social” pela atividade que realizam.

### 3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para compreender as vivências das mulheres ensacadeiras de camas de frango quanto ao prazer e o sofrimento em seu trabalho, o presente estudo realizou uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, com uma perspectiva baseada no construtivismo social (CRESWELL, 2007). O universo de pesquisa foi composto por trabalhadoras rurais que exercem a função de ensacadeira em Pará de Minas/MG. A cidade de Pará de Minas/MG é a terceira maior produtora de Minas Gerais, em produção avícola (IBGE, 2017), sendo esta sua principal atividade produtiva.

Foram realizadas 16 entrevistas semiestruturadas, em que foram abordados temas acerca das experiências de vida, atitudes e valores destas mulheres, aliados ao tema de prazer e sofrimento. Alguns questionamentos como: “você tem liberdade para expressar suas opiniões e sentimentos? ”, “como se sentiu, físico e emocional, ao final de um dia de trabalho? ”, “você se sente reconhecida, profissionalmente, no seu ambiente de trabalho? ”, “você desenvolveu alguma patologia devido ao seu trabalho nas granjas? ”, orientaram a realização das entrevistas a fim de assim, compreender não somente a realidade de trabalho das participantes como também perceber os prazeres e sofrimentos que poderiam vivenciar em sua atividade. A seleção das mulheres participantes da pesquisa se deu de forma intencional, a partir da técnica bola de neve, em que cada participante, indicou outra, que por sua vez, foi solicitada para a indicação de mais uma participante (VINUTO, 2014). A quantidade de entrevistas foi delineada a partir da saturação dos dados, em que, nenhum outro dado novo e relevante para o estudo se fez surgir (CRESWELL, 2007). Salienta-se que, a medida em que a saturação não se era atingida, solicitava-se a indicação de uma nova participante para a realização de uma nova entrevista que pudesse proporcionar o alcance do objetivo deste estudo.

As entrevistas foram realizadas no período de Dezembro/2018 a Fevereiro/2019, com duração média de 60 minutos. As entrevistas aconteceram na residência das próprias trabalhadoras. Todos os diálogos, com o consentimento e autorização das próprias participantes, foram gravados e posteriormente transcritos. Além destas, contou-se também com notas de diário de campo onde as falas das participantes, que aconteceram antes e depois das entrevistas, foram registradas.

Na realização da pesquisa, foi-se preservado o anonimato das participantes sendo estas representadas ao longo da análise e discussão dos dados por nomes fictícios. Além disso, as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da universidade.

Seguindo o posicionamento epistemológico adotado, o *corpus* de pesquisa foi analisado utilizando-se a análise do discurso (AD) de corrente francesa. A AD não se trata, conforme descreve Fiorin (1998, p.49), de uma “investigação policial” uma vez que não se busca analisar se o discurso enunciado pelo enunciatário “revela ou não sua verdadeira visão de mundo”. O importante é atentar-se ao discurso enunciado uma vez que, a partir da análise

do mesmo é que será possível desvendar de quem se trata o sujeito enunciativo e qual é a sua ideologia. Buscando compreender as percepções individuais das trabalhadoras rurais, utilizamos a interpretação contextualizada do corpus de pesquisa, elementos de análise dos enunciados sustentados por Faria e Linhares (1993) citados por Souza e Carrieri (2014) e, Faria (2009) sendo tais elementos: a seleção lexical, personagens; temas, implícitos e explícitos e os silenciamentos.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados foi dividida em dois temas a partir do percurso semântico do trabalho: o perfil e a trajetória profissional, a organização do trabalho das ensacadeiras. Em ambos os temas, estão entrelaçadas as vivências de prazer e as vivências de sofrimento no trabalho das ensacadeiras.

##### 4.1 Trajetória profissional das participantes

A fim de melhor compreender sobre a trajetória profissional das participantes da pesquisa, buscou-se apresentar informações relativas a seu perfil demográfico e a sua profissão, tais como: idade, estado civil, número de filhos, escolaridade, tempo que trabalham na atividade de ensacação e a idade em que iniciaram seu trabalho em galpões. Tais informações se encontram descritas no quadro 1.

**Quadro 1 – Perfil demográfico e profissional das entrevistadas**

Nome	Idade	Estado Civil	Número de Filhos	Escolaridade	Ensacadeira há:	Idade em que iniciou o trabalho em galpão
Joana	24	Casada	1	Ensino Médio Completo	5 anos	16
Inês	48	Divorciada	4	Fundamental Incompleto	28 anos	18
Valdete	44	Viúva	2	Fundamental Incompleto	16 anos	14
Janaína	42	Casada	2	Fundamental Completo	6 anos	15
Hilda	57	Casada	2	Fundamental Incompleto	18 anos	35
Claudete	50	Casada	1	Fundamental Completo	23 anos	18
Adelina	49	Casada	2	Fundamental Incompleto	23 anos	14
Nilda	56	Divorciada	2	Fundamental Incompleto	30 anos	26
Celeste	37	Casada	1	Fundamental Incompleto	10 anos	27
Tereza	50	Solteira	1	Fundamental Incompleto	30 anos	20
Regina	44	Divorciada	0	Ensino Médio Completo	25 anos	19
Laíde	49	Casada	1	Fundamental Incompleto	32 anos	16
Aurora	30	Casada	1	Ensino Médio Completo	4 anos	18
Laurita	50	Viúva	2	Fundamental Incompleto	5 anos	45
Bernadete	61	Casada	3	Fundamental Incompleto	24 anos	21
Marinalva	31	Solteira	3	Fundamental Incompleto	5 anos	26

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base nos dados demográficos apresentados, percebe-se que, das 16 participantes 11 possuem o ensino fundamental incompleto, 2 possuem o fundamental completo e 3 possuem o ensino médio completo, com uma faixa etária que varia dos 24 aos 61 anos sendo que, a maioria (12) apresentam idade superior aos 40 anos. As entrevistadas são majoritariamente casadas (9) e com filhos (15).

A partir de uma análise da trajetória profissional das participantes, percebe-se que, por se tratar de uma atividade predominante na região, onde a maioria teve contato com o trabalho rural desde a infância, uma vez que trabalhavam em alguma outra atividade rural, vindo assim, conhecer a atividade em granjas, como também através dos próprios familiares que exerciam tal profissão, conforme nos relatam Joana, Janaína e Laíde:

Desde mais nova eu ensaco. **Minha mãe** tem um serviço particular, aí eu comecei a ir particular com ela, na mesma coisa: ensacando. [...] **com uns 16, 17 anos já comecei a ensacar.** (JOANA).

Eu comecei foi na granja mesmo. Foi na casa do meu tio [...]. Com uns 14, 15 anos. (JANAÍNA).

**Eu descascava mandioca** pros outros fazer polvilho [...]. Depois eu passei a mexer com horta sabe? **A trabalhar com meu tio** pra plantar horta de tomate [...]. **E depois eu comecei a trabalhar por dia nos galpão** [...]. **E esse dia era dia 29 de agosto de 1986.** Guardei direitinho. **E fiquei até hoje** (LAÍDE).

Ao analisar tais trechos, percebe-se a presença das personagens mãe e tio que as iniciaram na atividade, antes mesmo de completarem a maioridade. Os relatos confirmam que, a atividade na roça ou mesmo em galpões de frango se encontra desde muito cedo presente na vida dessas mulheres. Destas, algumas realizaram outras atividades dentro dos galpões como ajudante ou granjeira (atua no processo de criação e engorda das aves). Algumas ainda, em algum momento da vida, desempenharam outro tipo de profissão como balconista, vendedora, diarista, dentre outras, porém, optaram pela atividade de ensacação.

Ao se referirem a suas trajetórias profissionais, ficou evidente o prazer que estas mulheres sentem pelo simples fato de terem um trabalho. Corroborando com os achados de Graf e Coutinho (2011), estas mulheres, mesmo em condições de trabalho desgastantes, conseguem perceber o trabalho como uma fonte financeira, capaz de proporcionar sentimentos positivos por estarem trabalhando e ao mesmo tempo, ser uma forma de alcançar projetos relacionados à vida pessoal. Esse prazer pode ser observado no relato de Claudete:

O trabalho, independente do que você faz, eu acho assim: você tá trabalhando ali, **you sabendo que você pode, tem uma saúde que você pode sair todo dia e ir lá trabalhar, sabendo que você tá defendendo o seu, o salário**, que você tá sobrevivendo com aquilo ali, eu acho que você tem, **a gente tem que ter prazer que a gente pode trabalhar**, se doar também [...] (CLAUDETE).

A importância da autonomia financeira ressaltada por Claudete, também foi verbalizada pelas bituqueiras no estudo de Borges, Enoque e Borges (2017), em que elas se veem como mulheres independentes financeiramente, apesar do alto custo para sua saúde física e mental. Essa autonomia financeira vem reforçada pelo empoderamento destas mulheres percebido na seleção do léxico “você pode” e “defendendo o seu”. Pela fala de Claudete o fato de poder trabalhar traz “poder” e conseqüentemente prazer.

Essas mulheres permanecem por muito tempo nesta ocupação, sendo considerada de baixa rotatividade. A justificativa de permanecer nesse trabalho precário pode estar atrelada à dependência da atividade diante da falta de opção de emprego, da falta de escolaridade, medo do desemprego, de trabalhar em algo considerado pior e de não conseguir realizar um trabalho diferente do habitual. Tais fatores são acentuados em função da realidade vivenciada pelas mulheres e da localização da empresa.

Eu fico satisfeita do meu serviço que eu tenho, por que é o único que tem. Se não fosse ele como é que nós ia viver! Como é que nós ia fazer! **É o único serviço que**

**tem aqui é esse [...]. Quando eu comecei a trabalhar lá, eu tive vontade de largar o meu serviço e arrumar outro, mas, como eu não tinha certeza de que eu ia conseguir outro, eu fiquei com ele mesmo [...]** (TERESA).

No relato de Teresa fica implícito os sentimentos de conformismo e resignação, ligados ao medo do desconhecido e do duvidoso. Também pode se remeter ao interdiscurso religioso de aceitar a vontade de Deus, discurso disseminado principalmente pela Igreja Católica, na época medieval (MACHADO, 2017). Esse indício fica evidenciado ao longo dos discursos das mulheres que revelam a presença da sua fé e religiosidade utilizando expressões “Graças a Deus”, “Se Deus quiser” e “se for da vontade de Deus”, atribuindo ao personagem Deus a responsabilidade de proporcionar força, coragem, proteção e saúde, e aliviar o sofrimento.

**Se Deus quiser eu vou lá, e vou fazer o que tem que fazer [...]** (CLAUDETE).

Nossa Senhora a gente já **agradece demais a Deus!** [...] na hora que você termina, que você dá a última pazada assim: Ôh, Graças a Deus! Nem acredito que é eu que terminei a tarefa! [...] **quando eu termino eu falo assim: nó, só Deus mesmo, porque é bem pesado** (HILDA).

## 4.2 Organização do trabalho das ensacadeiras

As trabalhadoras dos galpões, participantes desta pesquisa, se tratam das ensacadeiras, que, de maneira manual, retiram a cama de frango acumulado no galpão sendo esta embalada em sacos de ráfia de até 50 kg. A cama de frango se trata do material distribuído ao longo do aviário, para evitar que as aves entrem em contato com o piso, envolvido pelos excrementos, penas das aves e partículas de rações que as alimentam (GUIMARÃES, LIMA, 2015).

A fim de proporcionar uma melhor compreensão deste estudo, se considera importante descrever quais são as atividades desempenhadas dentro dos galpões. Estas, com base nos relatos das participantes, foram divididas em cinco fases: a recria; a pega de frango; a retirada de equipamentos do galpão; a quebra da cama, e a ensacação. A retirada da cama de frango acontece ao final do processo. Como afirma Celeste “tem os pegador que pega os frangos, tem os granjeiro que tem que tirar os trem, e tem o tratorista que tem que triturar para nós entrar”.

As ensacadeiras trabalham em duplas, identificadas por números e, a atividade é realizada em etapas: abrir a sacaria, “bater” a pá e encher a sacaria com a cama. Tais movimentos são alternados por cada dupla ao logo da jornada de trabalho conforme relatam Regina e Adelina:

A encarregada [...]. Ela **fica por conta de marcar** [...]. Ela chega e dividi o galpão: **dá tanto pra cada um** [...]. De um jeito que dá pra **tomo mundo trabalha igual agora**. Ninguém faz mais do que ninguém não (REGINA).

A cama fica no galpão e a gente ensaca: **uma abre o saco pra gente e aí a gente coloca** (a cama de frango), **depois vai trocando** (ADELINA).

Nota-se, ao analisar tais relatos, a existência de uma organização do trabalho das ensacadeiras que de acordo com Mendes (2007) é caracterizada pela divisão e normas das atividades uma vez que, a quantidade a ser ensacada por cada dupla é estabelecida por um superior. Além disso, por meio do relato de Regina “todo mundo trabalha igual agora” subentende-se que tal distribuição equitativa de trabalho não existia anteriormente.

Em cada dia de trabalho estas trabalhadoras possuem dentro do galpão um espaço determinado para ensacar, chamado de tarefa. A tarefa se trata da quantidade de lances de um galpão que cada dupla deverá ensacar no dia de trabalho. Um lance se trata da distância que



separa os pilares de sustentação do galpão, os quais podem estar afastados por uma distância que varia de 3 a 6 metros. Os galpões também apresentam larguras distintas variando de 10 a 12 metros e a tarefa do dia depende do tamanho do galpão que varia entre 24 e 52 lances, variando assim, a quantidade de lances que devem ensacar, sendo de 9 a 16 lances por dia, dependendo do galpão.

O trabalho é organizado por tarefas determinadas pela encarregada. Ao concluírem suas tarefas, estas mulheres podem ir embora para casa. Por este motivo, para que consigam realizar a tarefa e retornar às suas casas o mais cedo possível, estas mulheres relatam desempenhar um ritmo acelerado de trabalho que demanda grande esforço físico comprometendo as costas, pernas e braços.

Já vai chegando e pegando e, **chegando o reio mesmo. Todo mundo quer chegar e acabar mais primeiro que a outra pra poder ir embora depressa** (REGINA).

**Você trabalha agachada!** Você pega ali, um ritmo e vai até a tarefa acabar [...]. O corpo **dói** demais! (TERESA).

**Pesado demais! Poeira demais! Dor** pra tudo quanto é lado! [...] tem dia que a gente se sente destruída mesmo! [...] senti **dor** demais na coluna, nas pernas de ficar em pé! (JOANA).

**Dor é o que não falta**, pra tudo quanto é lado (risos). Na hora que acaba, as vezes **dor** nas pernas, **dor** nas costas, **dor** nos braços, na coluna. (NILDA).

Por meio dos enunciados anteriores, percebe-se que a condição de trabalho precário está direcionada ao próprio ambiente e aos movimentos do trabalho. Pela análise lexical, destaca-se que essas mulheres convivem com a dor diariamente, parcialmente causada pela posição de ficar agachada e pelo ritmo acelerado que elas mesmas se impõe para ir embora. A repetição da palavra “dor” pelas entrevistadas demonstra que estas estão sofrendo danos físicos no trabalho, que são caracterizados por Mendes (2007) como dores no corpo e distúrbios biológicos, estes são proveniente da repetição e intensidade do trabalho e a diversificação das dores é reforçada pela expressão “dor é o que não falta”.

O relato anterior de Regina sobre o ritmo acelerado e a expressão “todo mundo quer chegar e acabar mais primeiro que a outra” já nos fornece pistas sobre a competição entre as colegas de trabalho. Portanto, outra vivência de sofrimento relatada pelas entrevistadas refere-se aos relacionamentos sociais. Elementos constitutivos como: solidariedade, confiança, cooperação e a existência de diálogo e compreensão contribuem para um relacionamento positivo, sendo que sua ausência pode acentuar o sofrimento vivenciado pelos trabalhadores (MENDES, 2007). A falta de união das mulheres também pode ser fruto do seu ambiente de trabalho, Gaulejac (2007) ressalta que uma organização que incentiva condutas individuais propicia uma quebra de laços de cooperação. Percebe-se que no geral o relacionamento entre as mulheres é marcado por ausência desses elementos e trocado por inimizade e falta de cooperação gerando um ambiente de trabalho hostil e desagradável. No entanto as próprias mulheres reconhecem que este cenário traz prejuízos para elas próprias, reconhecendo que a união e a cooperação entre elas poderiam ocasionar melhorias para trabalho, como relatado pela Valdete e Bernadete:

Lá é uma **cachorrada** danada, você nem imagina. Só briga e falação, cada uma quer **meter o ferro** na outra, lá é desse tipo. Toda vida foi. (VALDETE).

**A turma lá não é muito unida não** [...]. Eu acho que lá não tem muita união não. Se fosse o caso, tivesse jeito de melhorar, eu preferia que melhorasse, **que a união faz a força**. (BERNADETE).

As expressões, “cachorrada” e “meter o ferro”, utilizadas por Valdete são figuras de linguagem de cunho popular utilizadas informalmente para explicitar negativamente o ambiente de trabalho. Ao comparar as mulheres com cachorros, remete que elas não são uma equipe e indica a intensidade das brigas e discussões constantes no cotidiano do trabalho, corroborando com a entrevistada Bernadete sobre a falta de união.

O grupo de ensacadeiras da empresa pesquisada é composto por aproximadamente 30 mulheres inseridas em um ambiente de trabalho aonde a competição é incentivada. A empresa adota estratégias na qual colabora para a desestruturação do coletivo e ao mesmo tempo favorece a exploração do trabalho em prol da produção (MENDES, 2007). Algumas dessas estratégias foram descritas pelas entrevistadas diversas vezes, sendo identificada a “corrida do saco”, onde as mulheres correm em direção ao monte de sacos para dessa forma pegar as melhores embalagens ao iniciarem seu dia de trabalho. A falta do saco pode acarretar no atraso do serviço, pois, como não existe cooperação entre as mulheres estas não os compartilham. Bernadete evidencia que as próprias trabalhadoras ditam o ritmo de trabalho que no geral é considerado “rápido” e “acelerado”, e aquelas que trabalham fora deste ritmo (para mais ou para menos) são criticadas.

**Quem pegou o saco bão, quer ficar com o bão, não quer dá!** Quem pegou no fino (cama de frango é mais fina e leve) se acabar vai pegar o fino de novo. A outra vai ficando só no grosso (cama de frango mais grossa e pesada). **É uma fofocaiada, lá é duro mesmo.** (VALDETE)

**É cada uma quer correr mais e acabar mais depressa e andar mais depressa,** e fala que a outra tá mole. [...] e sai aquela confusão assim. Se você correr demais também, elas fala também, que tá com esganamento. Lá é assim: **se andar devagarinho, elas fala** assim: “ela ta pirraçando [...]” (tom de voz imitando as colegas de trabalho). **Se correr demais elas fala** assim: “ah, ta com esganação, não sei porque essa esganação tudo”. (tom da voz imitando as colegas de trabalho).(BERNADETE).

Elas correm para acabar mais cedo, considerando a possibilidade de realizar o trabalho em menos tempo e voltar para casa, ocasionando sobrecarga, dores físicas e intrigas entre elas. Entretanto, é com esta mesma possibilidade que elas vivenciem o prazer de ter tempo de realizar suas atividades domésticas e cuidar dos filhos. Essa vivência dual de prazer e sofrimento no mesmo trabalho corrobora com a literatura de que o binômio prazer – sofrimento pode conviver em situações de trabalho (MENDONÇA; MENDES, 2005). Nos enunciados de Celeste e Hilda as vantagens do horário são evidenciadas.

O horário é bom! Não é nem bem o serviço, **o horário lá é muito bom,** porque a gente tá em casa e, **a gente que é casada, sempre depois do almoço tá em casa** para **cuidar** das coisas, **cuidar** do filho, se precisar levar no médico ou alguma coisa (CELESTE).

Pra gente trabalhar lá e **ainda chega em casa cedo, dá tempo de fazer as coisas em casa** (HILDA).

A partir dos enunciados de Hilda e Celeste percebe-se que, com o léxico “**muito bom**” reforça o prazer que o horário flexível as proporciona. Este horário flexível é destinado a “cuidar” dos outros (filho, marido, casa), elas não têm o tempo para si e para descansar do trabalho. O senso de cuidar foi reforçado pelas entrevistadas se remetendo ao seu aspecto moral corroborando que as atividades que derivam do ato de cuidar, seja da família ou do lar, tendem a ser atribuídas às mulheres como destacado por Guedes e Daros (2009). Neste

mesmo trecho, Celeste também deixa subentendido o não prazer no trabalho em si ao utilizar a expressão “não é nem bem o serviço”.

O trabalho em meio horário também proporciona as participantes a chance de vivenciarem outras oportunidades relacionadas ao campo profissional e pessoal. Estas podem exercer outras atividades que não a de ensacação para obterem um aumento se sua renda como também se qualificar, conforme nos relatam Claudete e Joana:

**Tem dia que eu chego dá pra fazer outra coisa, assim, pra, dá uma interazinha na renda!** Igual eu faço um biscoito de vez enquanto. (CLAUDETE).

**Eu penso em trabalhar lá, fazer o curso e trabalhar de cabelereiro,** que dá pra fazer as duas coisas, por que é meio horário! [...] **O horário é que me incentiva,** porque **se não fosse o horário ficava não!** (JOANA).

Essa importância do horário está entrelaçada aos multi-papeis e obrigações desempenhados e exigidos pela mulher enraizados na nossa cultura como observado por Souza e Guedes (2016) e Bruschini (2007). A mulher ensacadeira, na maioria dos casos, é também mãe, dona de casa e esposa e, para conseguir desempenhar todas essas funções, elas consideram que precisam de um horário que não exija tempo integral, mesmo que o esforço seja excessivo. Corroborando com Dejours (1992, 2004, 2008) e Mendes (2007) as mulheres ao terem essa vantagem no horário conseguem vivenciar o prazer, pois conseguem ter uma posição estável em relação às suas necessidades, desejos e interesses. Salienta-se ainda que, as experiências que acabam por proporcionar as estas mulheres a vivência do prazer se encontram atreladas a fatores externos ao ambiente de trabalho, mas, graças a jornada de trabalho em meio horário. Percebe-se um certo paradoxo no qual, o próprio ambiente laboral das ensacadeiras apresenta um fator que lhes possibilita vivenciar o prazer em maior frequência, porém, fora da organização do trabalho.

Sobre a atividade em si, as ensacadeiras não possuem contato direto com os frangos, apenas com os excrementos, penas das aves e partículas de rações. Tal situação contribui para a percepção de uma auto-desvalorização do próprio trabalho conforme explicitado por Adelina: “Orgulho de ensacar esterco? Ah... o serviço assim, que você sabe que tem todo dia, mas assim orgulho... todo dia tem que ir lá”. O questionamento apresentado por Adelina de como ter orgulho de ensacar esterco se aproxima da situação vivenciada pelas bituqueiras apresentada por Borges, Enoque e Borges (2017), que relatam se sentirem constrangidas e preferirem omitir sua função. Tal sentimento também está entrelaçado a não percepção da utilidade social do seu trabalho (a importância do esterco como adubo) podendo ser entendido como uma obrigação explicitada no trecho **“todo dia tem que ir lá”**.

No ambiente físico do trabalho das ensacadeiras, destaca-se o forte odor dos excrementos dos animais, muito calor, presença de animais peçonhentos, muita poeira e outros elementos, como linha do comedouro e equipamentos elétricos, que podem causar acidentes de trabalho e doenças ocupacionais. As entrevistadas relataram que a empresa fornece os equipamentos de proteção individual (bota, luva e máscara). Entretanto a maioria não os utiliza sobre a justificativa de não se adaptarem ou sentirem algum tipo de desconforto como dores e falta de ar, como explicitado por Valdete e Inês.

Não consigo trabalhar com **aquilo** (máscara) lá não. **A maior parte** não trabalha [...]. **Dá uma falta de ar** assim, porque às vezes tem muita poeira, outra hora é gás demais, como você respira dentro **daquilo** (máscara)? Difícil demais[...] (VALDETE).

Só dá igual, a máscara, a luva e a botina. Mas **muita gente** não usa [...]. Eu já tentei trabalhar de luva, eu não dei conta! De máscara piorou, por que **dá**

**uma falta de ar.** Botina no pé, também eu não aguento. Por que eu não aguento sapato fechado. Eu ando só de rasteirinha. [...]. **É bom se desse uniforme** (INÊS).

Através das expressões, “maior parte” e “muita gente”, enunciadas por Valdete e Inês, percebe-se a generalização quanto ao não uso dos equipamentos de segurança individual podendo ser entendido como uma prática frequente entre as trabalhadoras. Ademais, utilizam a seleção lexical “aquilo” e “daquilo”, para se referirem aos EPI’s. Conforme Scottini (2009, p.51), tais léxicos classificam-se como “uma coisa determinada e distante”. Percebemos, por meio de uma análise, que os EPI’s são instrumentos evitados pelas trabalhadoras, pois estas os associam somente a dor e ao incômodo. Em contrapartida, percebe-se que as mulheres anseiam por uniformes, o qual pode ser percebido como um símbolo de pertencimento a empresa como também um mecanismo utilizado para demonstrar valorização aos trabalhadores, camuflar e equilibrar as desigualdades entre as funções (FARIAS, 2010).

As condições da cama de frango também afetam diretamente as mulheres em seus ambos estados, seca e úmida, e principalmente quando a cama está sendo reutilizada. A cama seca aumenta o nível de poeira que afeta principalmente as trabalhadoras que já possuem problemas respiratórios corroborando com os achados de Faria et al (2006). Ao contrário a cama úmida (devido à chuva, os processos de resfriamento dos frangos e até mesmo ocasionados pelos próprios excrementos dos animais) e o processo de reutilização da cama de frango dificultam o trabalho, pois a torna densa e exige um maior esforço corporal. Como identificado nas falas de Marinalva e Claudete.

**O trator vai passando** vai dando aquela **nuvem de poeira**. Aquilo lá **é o que mais me faz mal. Hoje eu passei mal no serviço** [...]. Eu sinto mais falta de ar com mais frequência. (MARINALVA).

Ela (**cama de frango**), fica mais compostada lá, ela fica mais acentuada no chão, **ela vai pesando**. Os frango vem por cima, aumenta mais esterco, o sistema de refrescar os frangos, os tal dos chuveirinho que tem dentro do galpão, **faz com que a cama fica mais úmida**. (CLAUDETE).

Outro risco percebido se encontra ligado ao transporte. Estas mulheres, todos os dias percorrerem de lotação estradas de chão para irem e voltarem dos galpões. Os riscos podem ser agravados nas estradas uma vez que por meio do léxico “tem cinto não. Só os bancos” deixa explícito que o transporte não apresenta cinto de segurança conforme relatado por Laurita:

Tenho medo [...] é de viajar assim, igual **nós vai pra fora de lotação**. [...] Meio com **medo de acontecer alguma coisa, algum acidente**, isso eu tenho medo. [...]. **Tem não cinto. Só os bancos**[...]. (LAURITA).

Em suma, o trabalho das ensacadeiras é pesado, cansativo fisicamente e causa dores por todo o corpo, o salário é baixo, o transporte é inseguro. Contudo, elas transformam este sofrimento em prazer, utilizando uma estratégia defensiva (DEJOURS, 2008), quando se referem ao fato de conseguirem realizar esse trabalho que exige força física e emocional. Todas as entrevistadas se sentem valorizadas pela família quando estes reconhecerem que o serviço delas é pesado, cansativo e as apoiam emocional e fisicamente. Além do mais, também sentem reconhecimento quando ouvem relatos de que, nem todo mundo consegue realizar este trabalho, e se comparam aos homens, como explicitado nos relatos de Marinalva, Aurora e Celeste:

Ele (**esposo**) fala com os meninos: “tem que ajudar a sua mãe por que aquele serviço dela não é fácil. **Ela é guerreira! Aquilo lá é serviço de homem, ela faz serviço de homem!**”. (sorriso) (MARINALVA).

Por que a mulher trabalha muito! Igual nós que trabalha lá, **não é qualquer homem que aguenta** o que nós faz lá! (AURORA).

Eu vou **trazer os homens** de lá pra ver o que vocês fazem aqui pra eles verem o que que é serviço, por que os homens da minha terra não gosta de trabalhar (CELESTE).

Ao sentir orgulho e prazer de conseguir realizar um serviço “que nem homem consegue realizar” retoma-se o interdiscurso machista corroborando com Graf (2009) e Amorim, Fiúza e Pinto (2015). As próprias mulheres enaltecem e veem o homem como um ser superior, com detenção de força, contudo, ao conseguirem cumprir a função de ensacadeira quebram esse paradigma mostrando que elas são mulheres fortes e independentes, capazes de realizar funções além das tipicamente atribuídas e esperadas para mulheres.

Contudo, o reconhecimento da organização em suas dimensões de constatação e gratidão (DEJOURS, 2008) não é percebido pelas entrevistadas. O reconhecimento no trabalho se dá pela validação social, atribuídos principalmente ao retorno financeiro, reconhecimento da importância da atividade e retornos positivos (DEJOURS, 1992, 2012; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011). E estas mulheres não tem nenhum reconhecimento organizacional por seus esforços. Esta desvalorização foi expressa nos elementos: baixo salário, não reconhecimento do esforço e cansaço entrelaçados com a preocupação acentuada da empresa com produtividade e lucratividade, ausência de uniforme e da distribuição de pão para o lanche, tratamento diferenciado recebido em comparação com as outras funções na empresa. A falta de reconhecimento está explicitada no relato de Celeste:

Você tá ali, você tá **servindo**, você tá bem. A partir de amanhã, se você não puder mais ou adoecer, para eles tem mil querendo aquele, aquilo ali. Ela (encarregada da turma) mesmo fala com nós: “tem vinte na lista esperando uma vaga” (CELESTE).

A intensificação dessa desvalorização é apresentada ao utilizar o léxico “servindo” que pode se remeter a “servo”. Servo, em geral, significa indivíduo que está sob o domínio de algo ou alguém, que presta serviços a outrem e tem condição de criado ou escravo, não tendo direito à sua liberdade e nem de bens (SCOTTINI, 2009). Celeste ao utilizar essa expressão demonstra o seu sentimento e a sua percepção de serva em relação aos seus superiores, reforçados pela fácil substituição, elemento que caracteriza a condição de servos.

O trabalho das mulheres ensacadeiras é uma atividade rotineira, que envolve movimentos repetitivos e exige esforço físico, baixa criatividade, inteligência prática, flexibilidade e possui pouca ou nenhuma variabilidade no modo de fazer as tarefas. A ausência desses elementos como apresentado por Dejourns (1992, 2004, 2008) e Mendes (2007) contribui para o sofrimento vivenciado por essas mulheres.

Em decorrência da impossibilidade de o trabalho assumir um sentimento de prazer, o sofrimento fica evidente no adoecimento das mulheres corroborando com Mendes (2007), pois, a maioria das mulheres relatam algum tipo de doença ou dor relacionada ao trabalho: dor na coluna, braços, pernas, ombro e pés, bico de papagaio, inflamação na unha e nas mãos, hérnia de disco e problemas respiratórios (asma, rinite e bronquite). O desgaste gerado pelo trabalho também é visto como um sofrimento. Existe uma hegemonia nas entrevistas das ensacadeiras ao relatarem que ao fim da tarefa se sentem cansadas e consideram o serviço pesado, enfatizando tais fatos com o uso do léxico de intensidade “muito” para exteriorizar o tamanho do cansaço e do peso, como relatado por Inês:

É **muito** cansativo e a gente fica **muito** cansada no final da tarefa[...] na hora que termina a gente senti assim, cansada, tem hora que a gente fica estressado com alguma coisa que acontece no serviço [...] (INÊS).

Em suma, o trabalho de ensacadeira de cama de frango e nos galpões de granja foi o único tipo de trabalho que a maioria destas mulheres podem vivenciar. Apesar de ser um trabalho com muitas vivências de sofrimento pelo não reconhecimento dos superiores; pelas condições de trabalho precárias dentro dos galpões e do transporte; pelos baixos salários; pelo ritmo acelerado e pelas difíceis relações sociais com as pares; essas mulheres conseguem ter vivências de prazer ao se empoderarem pela autonomia financeira, por serem reconhecidas como mulheres “fortes” se comparando aos homens, e por conseguirem realizar suas atividades profissionais em meio horário possibilitando-as de realizarem suas atividades ditas “femininas”, como cuidar da casa e dos filhos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao fato de que o trabalho pode apresentar os mais distintos significados para cada indivíduo, um ser social, podendo este estar atrelado a questões que vão além da sobrevivência contribuindo para a formação da identidade deste, a presente pesquisa buscou identificar e analisar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de trabalhadoras rurais ensacadeiras que atuam em granjas de frango da cidade de Pará de Minas/MG.

O trabalho rural apresenta condições de trabalho precárias e grandes cargas de trabalho, muito das vezes inerentes à própria atividade, acometendo tanto homens como mulheres. Contudo, em se tratando das mulheres percebe-se que tal contexto de trabalho se torna mais árduo, uma vez que as trabalhadoras rurais também se encontram atreladas a terem que conciliar a jornada de trabalho com os afazeres domésticos e cuidados com a família. Os achados por meio da análise dos discursos das mulheres trabalhadoras rurais em galpões de frango contribuíram para confirmar tal realidade.

Percebeu-se que o prazer proporcionado pelo trabalho de ensacação nos galpões é mínimo, se contraposto com os sofrimentos causados pela mesma atividade. As principais fontes de vivência de prazer são fruto do horário de trabalho, do empoderamento, da autonomia financeira e do reconhecimento como mulheres “fortes” se comparando aos homens. Já as vivências de sofrimento destas trabalhadoras são oriundas do ambiente de trabalho que apresenta normas que limitam sua autonomia, intensificam o controle e contribuem para o ritmo acelerado de trabalho como também o modo de gestão muito das vezes ineficientes e um ambiente desfavorável a comunicação e interação profissional. Constatou-se ainda que, devido à pesada carga de trabalho e as más condições de trabalho que conduzem às posturas inadequadas, muitas trabalhadoras tem a sua saúde física agredida, apresentando em sua maioria, danos físicos e doenças osso musculares ocasionando dores nos membros superiores e inferiores, bico de papagaio e problemas respiratórios. Ademais, a insatisfação com os salários e a falta de cooperação entre as próprias ensacadeiras também foram fatores identificados como de impacto negativo no contexto de trabalho destas mulheres.

Contudo, tais achados não podem ser generalizados a todas as mulheres que trabalham em granjas de frango, uma vez que o presente estudo limitou o escopo da pesquisa dedicando apenas as ensacadeiras de uma única empresa da cidade de Pará de Minas/MG. Entretanto, acredita-se que os achados possam contribuir não somente para com a literatura, auxiliando e incitando novos estudos sobre o tema, como para com a elaboração de novas políticas de gestão do trabalho rural que venham a fim de se minimizar os fatores causadores de

sofrimento ao mesmo tempo, enaltecer os fatores provedores de prazer. Contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida no trabalho e conseqüentemente colaborando para com a produtividade.

Portanto, propõe-se como futuros estudos pesquisas não apenas em outras regiões que praticam a mesma atividade como também outras funções desempenhadas por mulheres em galpões de frango de maneira a contribuir não somente com o acervo de conhecimento literário como também de respaldo para as organizações minimizarem os conflitos entre o trabalho a subjetividade do trabalhador, muito das vezes causadores de sofrimento.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, E. O.; FIÚZA, A. L. de C.; PINTO, N. M. de A. Mulher e trabalho no meio rural: como alcançar o empoderamento. **Caderno Espaço Feminino-Uberlândia-MG**, v. 28, 2015.
- ANJOS, F. B.; MENDES, A. M. A Psicodinâmica do não-Trabalho. Estudo de caso com concurreiros. **Revista Laborativa**, v. 4, n. 1, abr. 2015, p. 35-55. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>.
- ANTUNES, R. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. Boitempo Editorial, 2005.
- ARAÚJO, R.; RIBEIRO, A. C. O crescimento da agroindústria avícola e as alterações no trabalho familiar rural. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 8, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/6913/5611>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- BORGES, J. F.; ENOQUE, A. G.; BORGES, A. F. Respigadoras Modernas e Produção da Existência no Agronegócio Canavieiro: A (Des)Realização no Trabalho de Bituqueiras. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 19, n. 1, p. 31-46, 2017.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do rio grande do sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205, jan. 2004.
- BRUSCHINI, M, C, A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.
- CAMPOS, A. **A indústria do frango no Brasil**. Repórter Brasil – Organização de Comunicação e Projetos Sociais. São Paulo, 2016.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 2ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez Oboré, 1992, 168p.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**. São Paulo, v. 14, n.3, p. 27-34, 2004.
- DEJOURS, C. Addendum: da Psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In S. Lankman & L. Sznelwar (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, p. 49-106, 2008.
- DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 363-371, set. 2012
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.
- FARIA, A. A. M.; LINHARES, P. T. S. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. In: MACHADO, I. L. (Org.). **Análise de discursos: sedução e persuasão**. Belo Horizonte: UFMG, 1993. Cap. 13. (Cadernos de Pesquisa do Núcleo de Assessoramento à pesquisa, n 13).

FARIA, N. M. X.; FACCHINI, L. A.; FASSA, A. C. G.; TOMASI, E. Trabalho rural, exposição a poeiras e sintomas respiratórios entre agricultores. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, p. 827-836, 2006.

FARIA, A. A. M. Aspectos de um discurso empresarial. In: CARRIERI, A.P.; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D.; SOUZA-RICARDO, P. A. G.. (Org.). **Análise do discurso em estudos organizacionais**. 1 ed. Curitiba: Juruá Ed., 2009, p. 45-52.

FARIAS, R. de C. P. Transubstanciação simbólica do uniforme de trabalho em signo de prestígio. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.18, n.2, p. 263-284, jul./dez. 2010.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 6ª ed. São Paulo: Ática; 1998.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Suinocultor: Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho Precário. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

GAULEJAC, V. de. Gestão como doença social, poder gerencialista e fragmentação social. (Ivo Storniolo, Trad.) Aparecida, SP, Brasil: Idéias & Letras, 2007. 338 p.

GRAF, L. P. **Entre a cozinha e o abatedouro: os sentidos do trabalho para mulheres atuantes na indústria avícola**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2009.

GRAF, L. P.; COUTINHO, M, C. Desvelando sentidos no trabalho de mulheres na produção avícola. **Aletheia**, n. 35-36, 2011.

GUEDES, O. S.; DAROS, M, A. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serviço Social em Revista**, v. 12, n. 1, p. 122-134, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-4842.2009v12n1p122>. Acesso em: 01 maio 2019.

GUIMARÃES, M. C.; LIMA, P. S. de. Condições de trabalho e organização do trabalho: um estudo em duas organizações avícolas integradas do Distrito Federal. **Estudos do Trabalho**, Ano IX – Número 17 – 2015, p. 125-156.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Revista Produção**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 77-86, 2004.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa pecuária, 2017. Pará de Minas: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/para-de-minas/pesquisa/18/16459?tipo=ranking&indicador=16546>. Acesso em: 29 abr. 2019.

MACHADO, I. L. Interações discursivas entre alguns poetas da Idade Média francesa e divindades cristãs, CAPÍTULO 5. In: MELO, Mônica (Org.) **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte : Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017, p. 105-130.

MENDES, A. M. B. Aspectos Psicodinâmicos da Relação Homem-Trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 15, n.1-3, p. 34-38, 1995.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDONÇA, H.; MENDES, A. M. Experiências de injustiça, sofrimento e retaliação no contexto de uma organização pública do Estado de Goiás. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 489-498, Dec. 2005.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, jul./set. 41(3), 8-19, 2001.

ROCHA, L. P.; CEZAR-VAZ, M. R.; ALMEIDA, M. C. V.; BORGES, A. M.; SILVA, M.S.; SENA-CASTANHEIRA, J. Cargas de Trabalho e Acidentes de Trabalho em Ambiente Rural. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 24, n. 2, 2015.

SCHLINDWEIN, V. L. D. C. Dor e sofrimento oculto: a desproteção social dos trabalhadores do fumo. **Barbaroi**, v. 32, n.2, 2010, p.82-97.

SCOTTINI, A. **Minidicionário escolar língua portuguesa**. Blumenau: Todolivro Editora, 2009.



SOUSA, L. P.; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, Ago. 2016.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. A análise do discurso em estudos organizacionais. In: SOUZA, E. M. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. 1ed. Vitória: EDUFES, 2014, v. p. 13-40.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa**: um debate em aberto. *Temáticas* [Internet]. 2014 [cited 2017 Sep 05]; (44): 203-20.